

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA E PRÁTICA**

### **O BOM PROFESSOR DE GEOGRAFIA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Gabrielle Bezerra da Silva<sup>1</sup>

O estágio é um momento de extrema significância para nós licenciandos/as. Em geral, é quando nos aproximamos da instituição escolar e da sala de aula enquanto professores/as (em formação), quando temos “nossas” primeiras turmas, “nossos” primeiros alunos, “nossas” primeiras aulas etc. E isso tudo, sem dúvidas, nos marca. Trata-se de um momento de inúmeros sentimentos, como inseguranças, angústias, alegrias, paixões e, também, dúvidas, afinal, seremos bons professores? O que é ser um bom professor? Entendo que o estágio seja, sobretudo, uma etapa da nossa vida acadêmica e profissional docente capaz de proporcionar a construção de muitas aprendizagens. Para Martins e Tonini (2016),

o estágio supervisionado é um espaço de construção de saberes, pois, a partir da vivência da sala de aula, o estagiário cria e se apodera de diferentes estratégias para dar conta da prática docente que precisa ser desenvolvida no dia a dia do estágio, já que a condução da sala de aula implica o desenvolvimento de competências, cujos saberes são construídos durante o processo formativo do futuro professor [...]. (p. 104).

A prática docente envolve um conjunto de movimentos do professor em sala de aula, incluindo pensar o que, por que, como e com quem iremos ensinar, mobilizando para isso os objetos do conhecimento que compõem o currículo, nesse caso, da Geografia Escolar. Contudo, esses movimentos também se relacionam a diversas outras ações, como a própria relação estabelecida com os alunos, a administração dos tempos da aula, a postura e a movimentação em sala, o tom de voz, o uso do quadro, entre tantas outras. São ações, em geral, já dominadas e praticadas espontaneamente por professores experientes, entretanto, muitas vezes, para professores iniciantes ou estagiários, acabam se configurando como

---

<sup>1</sup> Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: gabrielle.bezerra@ufrgs.br

descobertas/novidades. Desta forma, afirmo, a partir do que experienciei nesse período, que o estágio faz parte de um processo de autodescoberta e autoconhecimento diretamente ligado à formação das nossas identidades docentes, considerando todos os aspectos destacados anteriormente.

Os relatos que trago aqui incluem parte das experiências que tive durante o Estágio Supervisionado em Geografia III do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no primeiro semestre de 2023. O objetivo não é a abordagem das propostas didáticas trabalhadas com a turma, mas expor percepções, reflexões e aprendizados advindos dos momentos de observação e das aulas na escola e na Universidade. Alguns trechos que compõem esse texto fizeram parte de um trabalho final elaborado para a disciplina de Estágio III.

Atualmente, ao longo da Licenciatura em Geografia da UFRGS, nós estudantes, passamos por quatro estágios, sendo que o primeiro se inicia no sexto semestre e o último se encerra no nono. Cada um possui objetivos distintos. O Estágio III, por exemplo, tem como foco as práticas na etapa do ensino fundamental (regular ou EJA). Nesse estágio há uma carga horária destinada às atividades nas escolas, mas também continuamos tendo nossas aulas na Universidade com os professores orientadores. A carga horária dentro da instituição escolar escolhida deve totalizar 30 horas, das quais 10 horas reservam-se às observações e as outras 20 horas às aulas que iremos lecionar.

No meu caso, o estágio foi realizado com uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual localizada na Zona Sul de Porto Alegre/RS. A escola em questão atende exclusivamente a etapa do Ensino Fundamental Regular (anos iniciais e finais) e o Indicador do Nível Socioeconômico (Inse), referente ao ano de 2021, classifica o perfil dos alunos da instituição no Nível V<sup>2</sup> (Brasil, 2023a). Os objetos do conhecimento trabalhados com a turma no período em que ficamos juntos foi a Cartografia em conjunto com o Espaço Urbano.

Em relação às observações, deveria atentar-me para algumas questões envolvendo, por exemplo, minha percepção sobre o espaço da escola, sobre o/a professor/a de Geografia regente, sobre a sala de aula e sobre a turma. Durante a construção desses registros também

---

<sup>2</sup> “Neste nível, os estudantes estão até meio desvio-padrão acima da média nacional do Inse. A maioria dos estudantes respondeu ter em sua casa uma geladeira, dois ou mais celulares com internet, um carro, mesa para estudar, wi-fi, TV por internet, garagem, forno de micro-ondas, máquina de lavar roupa e freezer. Algumas respostas não obtiveram maioria, mas indicam que parte dos estudantes afirmou possuir um ou dois banheiros, uma ou duas televisões, dois ou mais quartos para dormir, aspirador de pó, um computador e escolaridade da mãe (ou responsável) variando entre ensino médio e ensino superior completo e do pai (ou responsável) entre ensino fundamental completo e ensino médio completo.” (Brasil, 2023b, p.13).

iam sendo descritos acontecimentos do cotidiano escolar. Os alunos da turma que fiquei nunca haviam recebido estagiários anteriormente, então, em um primeiro momento houve um certo estranhamento quanto a minha presença, pois, por que alguém que já terminou a escola volta para esse espaço para ficar assistindo aulas? Por isso, já no dia em que a professora regente de Geografia me apresentou à turma, explicamos aos alunos o que era e como funcionava o estágio: que fazia parte da faculdade para que eu pudesse me tornar professora de Geografia, que eu ficaria um tempo apenas observando a turma, depois assumiria algumas aulas e, por fim, a professora regente retornaria. Destaco ainda, que, desde o meu primeiro dia em sala de aula, fui muito bem recebida pelos alunos da turma e pela escola de forma geral, fazendo com que eu me sentisse extremamente acolhida durante todo o estágio. Não à toa, acabei saindo apaixonada/encantada pelo 6º ano e com a sensação de estar, cada vez mais, encontrando o meu *lugar*.

As observações tratam-se de um momento importantíssimo, pois é por meio delas que podemos “sentir o ritmo da coisa”, isto é, conhecer um pouco os alunos, incluindo suas relações com os colegas, com os demais professores, com a escola e com o espaço do entorno. Do fundo da sala de aula é possível perceber e ouvir aquelas conversas baixinhas, os assuntos que estão sendo comentados, as preocupações e as animações para aquele dia ou para aquela semana. Desse modo, as observações parecem contribuir bastante para a adaptação da turma quanto à presença do/a estagiário/a, para as próprias relações que começam a ser estabelecidas e, claro, para o posterior planejamento das aulas, já que passamos a saber/conhecer (pelo menos um pouco) quem são os alunos que estarão em classe conosco.

Algo percebido, por exemplo, foi a forte relação da turma com o futebol. Por isso, quando na primeira aula fizemos uma aproximação com o mapa da cidade de Porto Alegre, solicitei aos alunos que identificassem onde estavam os Estádios Beira-Rio e Arena<sup>3</sup>. “Esse eu tinha que saber, né sora?”, disse um dos alunos que, naquele dia, rapidamente localizou o Beira-Rio. Além disso, em outros momentos, como aqueles minutinhos entre o bater o sinal para o primeiro período e irmos juntos (eu e turma) até a sala de aula, o futebol acabava sendo um assunto mais descontraído para se falar (mesmo eu não entendendo quase nada sobre). No final, eu já tinha até arriscado quem venceria a Copa do Mundo Feminina... Enfim, noto que esses pequenos elementos ajudaram a criar uma proximidade maior com a turma.

Claro que ao longo das nossas aulas as observações continuam, entretanto, de modos diferentes, pois agora temos que dar conta de diversos outros movimentos para além daqueles

---

<sup>3</sup> Estádios de futebol do Sport Club Internacional (Beira-Rio) e do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (Arena), localizados respectivamente nos bairros Praia de Belas e Humaitá, em Porto Alegre/RS.

que tínhamos antes, como olhar, ouvir, perceber e registrar. Anteriormente às aulas, os planos eram construídos e avaliados com o/a professor/a orientador/a, atendendo às demandas da professora da escola. Depois de cada aula era realizado o exercício da autoavaliação, onde era descrito o que foi positivo, o que poderia ter sido feito diferente e demais ocorridos. Tal exercício permite refletirmos sobre a nossa prática tanto individual quanto coletivamente, já que durante as aulas na Universidade acabamos compartilhando e discutindo, em turma, as situações que ocorreram com cada um, como agimos frente a essas e que outras estratégias poderíamos adotar – e nem tudo que surge tem uma resposta única, uma receita (na verdade, praticamente nada).

Quanto aos avanços que se referem em superar a ideia de que o professor pode refletir individualmente, Cacete (2015, p.7), explica que “[...] acredita-se que o professor não pode refletir sobre sua prática descontextualizando-a das outras práticas que são desenvolvidas pela escola de modo integral”. É nesse sentido que a autora afirma que poderíamos, então, falar em um professor crítico reflexivo:

Qualificando esta reflexão, pensa-se que não basta o professor refletir para si a sua prática para ser um “bom profissional”. A qualidade será ampliada quando se bem entender a necessidade de se redimensionar e ressignificar a prática – a isso chamamos de crítica, movimento fundante para uma reflexão de contexto. A ideia da crítica do ponto de vista social, político e econômico de contextualização da escola, ou seja, nós não podemos lecionar sem que entendamos o que é a escola e em qual contexto ela se insere. O sucesso da atuação profissional passa por essa leitura (Cacete, 2015, p. 7).

Dentre alguns dos questionamentos (mais voltados à Geografia Escolar) citados por Cacete (2015), ao ensaiar possíveis caminhos para uma reflexão crítica, estão:

Qual é o papel da escola na sociedade? Qual sentido tem a escola? Qual sentido tem a formação de professores e a minha atuação como professor de Geografia? Qual é o sentido de ensinar geografia na escola básica, diante do fato de que algumas disciplinas são mais do que outras em nossas escolas? Os alunos estão na escola para aprender o quê? Os alunos estão na escola para quê? (idem, p. 7).

Ao decorrer do estágio somos, constantemente, levados a refletir/questionar nossas intencionalidades e objetivos enquanto professores/as, seja durante a construção de um plano de aula, durante a escrita de uma autoavaliação, durante os momentos de compartilhamentos com os colegas etc. Com isso, destaco que para além das aulas na escola, as aulas na Universidade são de suma importância, visto que, nesse espaço, dialogamos sobre inúmeros aspectos do processo de ensino-aprendizagem, incluindo o próprio ensino de Geografia, a

educação de forma mais ampla, as propostas didáticas, os métodos, os processos avaliativos; e os sentimentos envolvidos nisso tudo: as aflições, as alegrias e as esperanças. Tais considerações acabam nos conduzindo também ao conceito de *práxis*, que ao articular teoria e prática e ser incorporado às discussões sobre estágio, segundo Cacete (2015, p.6), “[...] possibilita o entendimento de que faz parte da *práxis* docente a instrumentalização de se teorizar sobre a prática, transformando, assim, a realidade vivida no âmbito escolar, e na sala de aula”.

Os desafios parecem ser intrínsecos ao estágio, principalmente, devido à falta dos saberes experienciais, isto é, aqueles saberes específicos que os professores desenvolvem no exercício de suas funções e na prática da sua profissão, baseados nos seus trabalhos cotidianos e no conhecimento do seu meio, são os saberes que surgem da experiência e por ela são validados (Tardif, 2022). No entanto, a superação dos desafios que surgem também é parte do formar-nos professor/a.

Questionei, no início desse texto, o que é ser um bom professor. Bem, com base nas minhas experiências de estágios, hoje, particularmente, a resposta dessa pergunta está muito próxima da noção de professor-pesquisador-reflexivo. E aqui, valho-me do sentido atribuído por Nóvoa (2001), que descreve o professor-pesquisador como aquele que pesquisa ou que reflete sobre a sua prática. Relacionando-se, assim, ao professor-reflexivo, pode-se dizer que ambos os conceitos fazem parte de um movimento de preocupação com um professor que é indagador, que assume a sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa, reflexão e análise (Nóvoa, 2001).

Minhas experiências de estágio reforçam-me a enxergar um *bom professor* como um conhecedor do seu aluno, da realidade da qual faz parte, da sua ciência e dos próprios contextos educacionais pelos quais vamos passando ao longo do tempo. O estágio é, assim como a docência, repleto de *sentires* e *aprenderes*. Por isso, encerro esse momento acadêmico com o desejo de aprender mais, estudar mais, ler mais, ouvir mais, conversar mais, pesquisar mais, saber/conhecer mais e, assim, quem sabe, tornar-me uma boa professora.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Nível Socioeconômico (Inse)**. Brasília, 2023a. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais/nivel-socioeconomico>>. Acesso em: 07 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **SAEB 2021 Indicador de Nível Socioeconômico do Saeb 2021 Nota Técnica**. Brasília, 2023b. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/areas\\_de\\_atuacao/Indicadores\\_de\\_nivel\\_Nota\\_tecnica\\_2021.pdf](https://download.inep.gov.br/areas_de_atuacao/Indicadores_de_nivel_Nota_tecnica_2021.pdf)>. Acesso em: 07 set. 2023.

CACETE, Núria Hanglei. Formação do professor de Geografia: sobre práticas de ensino e estágio supervisionado. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 17, n. 2, p. 3-11, 2015. Disponível em: <<https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/240>>. Acesso em: 07 set. 2023.

MARTINS, Rosa; TONINI, Ivaine Maria. A importância do estágio supervisionado em Geografia na construção do saber/fazer docente. **Geografia: Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 20, n. 3, p. 98-106, 2016. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/279140182.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2023.

NÓVOA, Antonio. Entrevista com Antonio Nóvoa para o Salto para o Futuro. **TV Escola (MEC)**, 13 set. 2001. Disponível em: <<https://www.ubuntunoticiasce.com.br/2015/02/entrevista-com-antonio-novoaparao.html>>. Acesso em: 07 set. 2023.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022.

Recebido em 22/09/2023.  
Aceito em 30/09/2025.